

Tarde de outubro: ensinamentos sobre amor, liberdade e generosidade – entrevista com o professor Dr. António Nóvoa

Conduzida pelas doutorandas Karina Feltes Alves e Fernanda Meneghel Cadore, orientadas e encorajadas, amavelmente, pelas professoras Dra. Flávia Brocchetto Ramos e Terciane Angela Luchese

DOI:10.18226/21784612.v29.e024002

Karina Feltes Alves¹

Fernanda Meneghel Cadore²

“Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos, assim te levo comigo, tarde de maio, [...]”
(Andrade, 1985, p. 263)

Vamos falar de uma tarde que levamos conosco, ou melhor, de um final de tarde! Carlos Drummond de Andrade há muito nos presenteou com um poema que fala de uma tarde de maio. *Tarde de maio* nos afeta, nos faz perceber e aceitar que é preciso deixar cair as folhas do outono para podermos sentir os aromas e o calor das cores da primavera.

A generosidade do poeta com seu anúncio nos convida a uma espécie de prova, a um exercício de generosidade recíproca. Por isso, aqui estamos para testemunhar – sim, há testemunhas deste episódio – a nossa tarde de outubro, a qual também nos afeta e carregamos dentro de nós... Afinal, não há como negar nosso renascer em uma nada “fictícia primavera”. Essa tarde de outubro é pura primavera! É tão primavera que não pode ser só nossa, deixá-la

¹ Graduada em Letras Português/Inglês (UNISINOS); Especialista em Ensino e Aprendizagem de língua estrangeira: inglês (UCS); Mestra em Educação (UCS); Doutoranda em Educação (UCS). Participa do grupo de Pesquisa Observatório de Leitura e Literatura (OLLI), da Universidade de Caxias do Sul (UCS) - Caxias do Sul/RS, e do grupo de pesquisa Coletivo de Estudos em Linguagens e Artes (CELinA), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Feliz/RS. Tem apoio da CAPES e do IFRS. Professora no IFRS, campus Feliz/RS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6021044014263049> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5496-2158>. E-mail: kfalves@ucs.br

² Psicóloga. Mestre e Doutoranda em Educação pelo PPGEduc - UCS pela linha de pesquisa Processos Educativos, Linguagem e Tecnologia. Bolsista PROSUC/CAPES. Área de interesse: Inclusão; Infância; Aprendizagem; Psicologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2990880767241230> <https://orcid.org/0009-0003-9533-6024?lang=pt>. E-mail: fmeneghe@ucs.br

apenas conosco seria como negar as leis da natureza, impedir que as flores e seus cheiros tomem conta do todo; seria como “imprimir um selo” nosso no céu que cobriu aquele final de tarde de outubro primaveril. Atitude incompatível frente a tanto altruísmo.

Naquele final de tarde de outubro, numa sala do bloco M da Universidade de Caxias do Sul, pelas janelas, percebíamos que estávamos entre as árvores. Aquele lado do bloco tem o privilégio de ter uma cortina externa formada por galhos de árvore. E a luz e os sons externos nos faziam lembrar, instintivamente, que é tempo de florescer.

Figura 1 – Nossa janela com cortina de árvores.



Fonte: acervo das entrevistadoras.

Na sala, alguns privilegiados viviam um momento de generosidade, coisa de gente grande (ou seria de grande coração?) e que não se encontra em todo lugar neste nosso mundo. Quem sabe, tem ciência que partilhar é parte do saber, do conhecer. Um senhor português, professor António Nóvoa, disponibiliza-se a conversar com estudantes e professores, ação fora do planejamento inicial. Ação – não gravada em dispositivos, mas registrada nas nossas vidas – foi se tecendo entre questões postas pelos presentes,

por meio de inquietações guardadas que foram sendo acolhidas e desenroladas pelo professor Nóvoa, quem já havia, também, a partir de suas inquietações, generosamente, escrito na forma de carta algumas indicações para jovens pesquisadores em Educação. Dentre seus conselhos citados na obra, sempre atuais, destacamos um: “Talvez tudo isto seja ‘nada’, talvez todas as cartas sejam inúteis e nenhum dos presentes precisasse de ouvir esta epístola, mas eu é que precisava de a escrever. Com uma única certeza: a de que não tenho certezas” (Nóvoa, 2015, p. 13) . Com o avançar de nossas pesquisas, percebemos nitidamente isso, que um pesquisador tem hipóteses, busca bases para sustentar sua pesquisa e, em momentos como o dessa tarde, como disse Nóvoa, *“É na conversa com os outros, mestres e colegas, que se definem e enriquecem os nossos próprios caminhos”*, vamos nos constituindo pesquisadores.

Um de seus desejos com a escrita foi de que o pesquisador pudesse se sentir capaz de habitar livremente seu lugar. E foi assim que nós, pesquisadores e eternos aprendizes, nos mantivemos atentos às suas palavras e especialmente desejosas de que nosso pedido por uma conversa a mais fosse contemplado pelo professor. Sentimo-nos como que materializando seus ensinamentos marcados pela força do registro escrito: nossa única certeza, naquele momento, era de que não tínhamos certeza de seu aceite ao nosso desejo de entrevistá-lo, mas tínhamos a coragem em nós, seivada pelo exemplo de coragem sempre presente de nossas mestras, professoras Flávia e Terciane, a quem agradecemos por mais este preparo de terra nutrida para o cultivo.

Restou-nos, naqueles instantes, exercitar a espera, o aguardo. Enquanto isso, cada presente ansiava por lançar suas sementes em forma de palavras. Vê-las sendo regadas e florescendo era nada mais que obra do acaso, simplesmente, destino traçado, tendo em vista o nosso convidado. O olhar acolhedor, a força de suas palavras, a convicção de suas lutas e de seu amor – essa palavra de luxo que Adélia Prado nos ensina – pela Educação, a expressão de quem se importa com o que estava sendo dito naquela janela aberta, as referências feitas: tudo isso nos explicou o porquê de ele SER referência para todos e todas que pensam, sonham, admiram, vivem, e até para aqueles que rejeitam o mundo das quatro estações – nada definidas – da Educação.

António Manuel Seixas Sampaio da Nóvoa (Valença, 1954) é doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genève, Suíça (1986), e doutor em História Moderna e Contemporânea pela Universidade de Paris IV, Sorbonne (2006). É professor catedrático no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa e presidente do Comitê de Pesquisa e Redação da Comissão Internacional da UNESCO sobre os Futuros da Educação. Suas palavras e presença naquela tarde de outubro nos fizeram compreender a sua participação na construção do relatório “Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação” da UNESCO e o porquê de ele ser uma das principais vozes atuais em um tempo de metamorfose da escola e do mundo. Em 2014, esteve em nosso país em uma missão internacional da UNESCO junto do Governo Brasileiro. É Doutor Honoris Causa pela Universidade do Algarve (2015), pela Universidade de Brasília (2015), pela Universidade Lusófona (2016), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017) e pela Universidade Federal de Santa Maria (2019). De abril de 2018 até novembro de 2021, foi o Representante Permanente de Portugal junto da UNESCO.

Figura 2 – Registro da entrevista concedida por Nóvoa



Fonte: acervo das entrevistadoras.

Trazer este breve (por uma escolha de escrita nossa) currículo do professor, narrado aqui, quiçá seja até redundante para quem nos lê, mas pensamos que valeria a pena o risco! Ora, pois, ao passo que nos nutríamos com as assertivas palavras e as sábias reflexões provocadas por Nóvoa, também pudemos comprovar que professor que é professor (sem medo da palavra!) não para nunca, mesmo! Nem aqui no Brasil, nem em Portugal – e assim Nóvoa nos partilha que seu próximo projeto, ao retornar a Portugal, é visitar as escolas, o que ele chama de “viagem pedagógica”: “estar nas escolas, ver e sentir” como elas estão, como as pessoas que as fazem existir estão! É a veia do professor-pesquisador em ação, com a “coragem dos começos”, mostrando que não há como ser professor sem ser pesquisador, é preciso ser curioso, é preciso ser observador! Mas, para isso, ele nos alerta: “É preciso ter liberdade!” e “Os professores servem para libertar o futuro!”. Ah! As palavras do professor ressoaram (e seguem ressoando) em nossos ouvidos e em nossos corações, dando evidências de como nos afetamos por suas palavras, por sua conduta, por seu exemplo, por sua partilha tão generosa, capaz de, ainda, quando a tarde já quase adormecia, nos conceder, sim, alguns minutinhos para uma breve entrevista gravada, um diálogo inspirador e potente. Nosso exercício de espera valeu a pena e aprendemos que, em um mundo de incertezas, precisamos nos encontrar com a “coragem dos começos”.

Diante de tantas vicissitudes que experienciamos como pesquisadoras em Educação, podemos afirmar que ter Nóvoa conosco naquele fim de tarde de outubro foi singular, foi um alento, foi um abraço, foi o calor necessário para podermos florescer! Suas palavras e seu gesto vivem em nós, e desejamos que possam também viver em quem nos lê.

Então, que passem os outonos para que venham as primaveras e seus ensinamentos. Sinta-se convidada(o), sinta-se parte:

Entrevistadoras: Então, professor Nóvoa, podes compartilhar conosco o momento seu em que ser professor lhe fez a diferença, o momento, a sua passagem em que entende ter cumprido este papel de professor?

Nóvoa: Na verdade, um tempo de que me recordo muito bem, nos primeiros tempos como professor, é a minha entrada na profissão. Eu era muito novo, muito jovem, foi a seguir da Revolução de 1974, e foram anos muito marcantes, talvez porque eu tinha uma grande proximidade de idade com os meus alunos e nessa proximidade de idade nós conseguimos construir coisas comuns, linguagens comuns, maneiras de ser comuns, e fico muito impressionado quando alguns desses professores de Educação Básica que formei na escola de magistério primário ainda hoje vêm ter comigo e dizer que esses anos foram muito marcantes para eles, e foram muito marcantes para mim!

Naquela sala de janela arborizada, Nóvoa nos ensinou que “a maior certeza que temos é a incerteza”. Não sabemos a dimensão de nosso alcance quando entramos em uma sala de aula e ousamos fazer parte da vida de nossos alunos. Pensamos em estratégias metodológicas, na técnica do nosso componente curricular, em quem são nossos alunos (como se pudéssemos traçar um panorama fiel do que viveremos em sala de aula), pensamos em tantas coisas que nos foram ensinadas para colocarmos em prática nesse momento que chamamos de “aula”. Nessas palavras respondidas, Nóvoa nos ensina que ser professor é mesmo uma profissão que demanda paciência. O professor semeia, rega e espera... mas é uma espera sem grandes pretensões. É uma espera, simplesmente, por ser desnecessário. Aí, então, sentimos que cumprimos com nosso papel, que ousamos afirmar aqui: tornarmo-nos dispensáveis aos nossos alunos. Sem mais precisar daquela parada na mesa, daquela explicação no quadro, daquela indicação de leitura técnica... Repare, não se trata de o professor não ser mais útil a seu aluno, mas significa que ele conseguiu ensinar a liberdade... Imersas nesse pensamento, ocorreu a nós a dúvida de que se não há de ser essa liberdade o bem-comum e público que deveria acontecer em todas as nossas escolas, e assim seguimos nossa conversa.

Entrevistadoras: Em uma fala sua, em uma palestra, você mencionou uma ideia da filósofa americana Maxine Greene, quando ela afirma não conseguir entender e imaginar nenhum

propósito coerente para educação se alguma coisa comum não acontecer no espaço público. Considerando o seu conhecimento sobre as escolas públicas do nosso país, realidade que a gente tem aqui, o que o professor vê que há de comum acontecendo nas nossas escolas, pensando até nas escolas públicas e nas escolas privadas?

Nóvoa: Essa frase da Maxine Greene é uma em que, no fundo, ela quer explicar que ninguém se educa no isolamento, que nós podemos aprender muitas coisas sozinhos, podemos aprender muitas coisas em casa, podemos aprender muitas coisas num computador, mas, para nos educarmos, precisamos dos outros, para nos educarmos precisamos do encontro com os outros, para nos educarmos precisamos de uma relação humana, e por isso a educação não é só aprendizagens, a educação é mais ampla do que as aprendizagens, e para que ela aconteça precisamos nos encontrar com outros, fazer um trabalho comum, num espaço público, e, infelizmente, muitas vezes a escola pública não é a escola do comum, não é a escola onde nós trabalhamos em comum, é uma escola muito normalizada, uma escola muito, muito pouco propícia a esse trabalho em comum. E eu creio que na frase da Maxine está uma verdade extraordinária, a verdade de que a escola é melhor para educar as crianças do que o isolamento, que a escola é melhor do que a casa, que a escola é melhor do que o computador, e que temos de proteger e valorizar essas escolas na perspectiva desse trabalho comum, no espaço público, onde estão todos, sejam eles quem forem, venham de onde vierem, tendo a cultura que tiverem. É onde estão todos, e é essa dimensão pública que nós podemos encontrar no sentido para a educação.

“A escola não é uma continuidade da casa; está na frente da casa”. Quando anuncia essa asserção naquela tarde, Nóvoa expressa o verdadeiro sentido dessa “maior invenção do mundo” – como ele mesmo refere – que chamamos de escola, pois atribui a esse espaço social o sentido de seu existir: um espaço no qual há o encontro de todos, sem exceção, com suas culturas e modos de ser, de diferentes maneiras. É onde acontece a democratização da vida, a passagem das quatro estações do ano, podendo elas serem vividas e conhecidas por diferentes perspectivas. Não é à toa que muitos pais e mães compartilham relatos surpresos de como seus filhos são

diferentes no espaço escolar em relação a suas casas. A escola é, pois, onde a liberdade se faz e é possível aprendê-la, é possível encontrá-la. Sentimos o cheiro de liberdade trazido pelo vento que emana dos galhos e das folhas das árvores lá de fora. Nesse momento, recordamos da menção a Niemayer feita por Nóvoa: “A vida é muito simples”, nos mostrando que a liberdade – assim como a vida – é simples, ela não precisa ser inventada, ela simplesmente está dentro de nós, em nossa matriz, em nossa verdade. Precisamos olhar para dentro de nós e buscar a nossa autenticidade: na escrita, na pesquisa, nos modos de ensinar e aprender, na vida! Esse movimento permite-nos reconhecer e fortalecer nossa matriz, permite-nos ser exatamente quem somos, e aí está a grande necessidade de a escola percorrer o caminho da liberdade. Desse modo, como que em um movimento de exercício de liberdade, fomentadas pelas palavras do professor, fomos encorajadas a seguir a conversa, perguntando um pouco mais sobre essa tal liberdade...

Entrevistadoras: Fazendo um link com essa sua fala de hoje, em diferentes momentos percebemos que você tem um argumento muito forte com relação à liberdade como sendo um caminho a percorrer na escola, o que é muito lindo. Como isso vem nos tocando já em outras oportunidades de escuta de suas palavras, e hoje, novamente, você traz uma experiência sua que nos remete à questão da liberdade, quando traz que depois de tanto tempo percebe que é isso mesmo, “a minha matriz está ali, é à matriz que devo me voltar”, no sentido de encontrar ali a liberdade, pensamos que você deve ter sido uma pessoa que teve essa liberdade ao seu alcance. Você se vê como um sujeito permeado pela liberdade desde a infância?

Nóvoa: *Liberdade nunca é uma coisa adquirida, a liberdade nunca existe totalmente. Liberdade é um processo, liberdade é uma conquista. Vivi os primeiros anos da minha vida debaixo de uma ditadura, então não havia liberdade, mas a liberdade não é uma coisa exterior, a liberdade é qualquer coisa que nós conquistamos todos os dias e pela qual nos debatemos todos os dias, e eu procuro todos os dias fazer o trabalho sobre a liberdade. Mas, como dizia um filósofo que citei hoje na conversa, Jean Houssaye, a liberdade que me interessa é uma*

liberdade que é mais do que livre, é uma liberdade que é libertadora, não é? A ideia, no fundo, é que a liberdade tem que ser libertadora e que eu só posso ter liberdade se os outros também tiveram a liberdade. Eu não posso ter liberdade no mundo de gente sem liberdade. Então, liberdade é um processo de conquista individual, mas é também um processo de libertação para além de nós, é o processo de trabalharmos para a liberdade dos outros, e nessa ideia de liberdade, libertar o futuro, está, ao meu ver, a palavra essencial da resposta à pergunta “para que servem os professores?”: os professores servem para libertar o futuro, para libertar o futuro das crianças, para libertar o futuro das sociedades, e é nessa ideia de libertar o futuro que eu sinto essa liberdade libertadora de que falava Houssaye.

“Os professores servem para libertar o futuro, para libertar o futuro das crianças, para libertar o futuro das sociedades”, como essa frase chega até você, leitor(a)? Se fosse fazer uma analogia com a leitura da arte literária, diríamos que ela soa como poesia: por muitos, julgada como “leve”, mas que carrega a força necessária para a “coragem dos começos” que Nóvoa tão bem nos alerta ao falar dos caminhos a percorrer... “pequenos passos, pequenas utopias”, vai nos ensinando, tão didaticamente, o professor. E, pensando na caminhada a percorrer, nos causou curiosidade saber como nós, pesquisadores de um Programa de Pós-Graduação em Educação, podemos “escapar das mesmas palavras”. E assim fomos nos encaminhando para o final da colheita – ou seria do plantio?

Entrevistadoras: Para finalizarmos, então, usando as metáforas que você utiliza sobre os caminhos a percorrer e a evitar na escola, o que o senhor poderia sugerir para o PPGedu, para os pesquisadores em Educação, pensando também nos docentes e discentes?

Nóvoa: *Eu julgo que a Educação, a pesquisa em Educação, se desenvolveu em muitas direções e vem em direção de História, de Filosofia, de Sociologia, de narrativas, de muita coisa, mas, por vezes, nos últimos anos, a pesquisa em Educação tem dado menos atenção ao trabalho na escola, ao trabalho docente, à realidade escolar, e eu creio que é muito importante que a pesquisa em Educação tenha um*

olhar também sobre isso, a pesquisa em Educação foi durante muito tempo, sobretudo, sobre escola, sobre ensino, sobre aprendizagem, sobre professor, e depois voou para outras direções interessantes, mas é preciso que ela não deixe de pensar também a realidade docente e que ela se faça em grande parte com os professores. E os professores não são apenas aqueles que devemos estudar, não são apenas aqueles de que vamos precisar, são aqueles que pesquisam conosco, que trabalham conosco, que se envolvem numa reflexão conosco. Creio que para os Programas de Pós-Graduação em Educação essa ideia é uma que deve estar presente. Podemos pesquisar sobre tudo, sim, livremente, sim, mas não nos esqueçamos das realidades escolares, não nos esqueçamos do trabalho docente, não nos esqueçamos daquela coisa concreta que se passa nas escolas, e temos que olhar para isso com o olhar crítico, com o olhar intelectual, com o olhar teórico e prático, com um olhar diferente, sem nos esquecermos disso, e eu acho que muitos Programas de Pós-Graduação em Educação esqueceram-se disso, foram fazer outras coisas, também importantes, mas esqueceram-se dessa realidade escolar, dessa realidade do trabalho docente, nós precisamos muito que a pesquisa em Educação nos ilumine, nos esclareça, nos traga mais conhecimento sobre isso, em particular, sobre o que designo como conhecimento profissional docente, o conhecimento que está na profissão, o conhecimento que faz parte da profissão. Não podemos ignorar esse conhecimento, e muitas vezes temos ignorado, temos tido o conhecimento teórico da Educação, o conhecimento do currículo, o conhecimento da didática, o conhecimento da filosofia, o conhecimento comparado, o conhecimento, mas temos nos esquecido de trabalhar o conhecimento profissional docente, e esse é um grande desafio para o futuro, sobretudo para o futuro dos professores da formação de professores e do que virá a ser a escola do futuro!

Como registramos inicialmente, este texto nada mais é do que um ato recíproco de generosidade. Aprendemos sobre a generosidade naquela tarde, pelas palavras e ações de nosso mestre do dia. Partilhamos, portanto, alguns de seus ditos e ensinamentos. Não se trata de um gênero epistolar, como a *Carta a um jovem pesquisador*, mas de um texto escrito que carrega consigo toda a responsabilidade em registrar as gratas memórias que nos ficaram

daquela tarde. Por isso, queremos sublinhar que, embora o professor não tenha mencionado em nossa conversa o que consideramos seu maior argumento em seus estudos acerca da Educação, ele defende que a formação de professores deve basear-se no que ele chama de terceiro gênero do conhecimento: o conhecimento profissional docente. Aos licenciandos são ensinados os conhecimentos teóricos e técnicos de suas disciplinas e os conhecimentos acerca das pedagogias. Em seu livro *Professores, libertar o futuro*, António Nóvoa (2023, p. 28) refere-se a essa dimensão essencial para que o professor consiga exercer seu papel na construção de futuros da Educação ao afirmar que “o conhecimento profissional tem uma dimensão teórica, mas não é só teórico; tem uma dimensão prática, mas não é só prático; tem uma dimensão experiencial, mas não é só produto da experiência. A formalização desse conhecimento é muito importante para o reconhecimento profissional e público dos professores”. A falta do conhecimento profissional docente é, por sua vez, adquirido em um terceiro lugar – um espaço institucional próprio –, nem na universidade, nem na escola de Educação Básica: trata-se de um terceiro espaço que comunga com o fortalecimento desse terceiro conhecimento. Programas governamentais como o PIBID sinalizam o fortalecimento desse conhecimento e lugar que Nóvoa defende. Em nossos casulos, entendemos que, para o fortalecimento de programas assim, é preciso pensar em uma reorganização curricular dos cursos de licenciatura, além de políticas públicas que apoiem e ampliem a criação de espaços educativos voltados para a perspectiva do trabalho, da criação, da liberdade, pensando a formação integral do sujeito. É preciso, portanto, “Agir – e *poder agir* – com liberdade para construir novas experiências educativas” – como nos ensinou Nóvoa naquela tarde de outubro.

Assim, encerramos nossa partilha com o sentimento de gratidão pela tarde pulverizada por ensinamentos, dos mais caros e finos, assumindo que não sabemos se, afinal, o professor deve se tornar dispensável a seus alunos ou não, mas temos suspeitas de que, se ele se torna assim, desse jeito, dispensável, talvez seja porque ele conseguiu libertar algum futuro, ou o futuro de alguém, que seja o dele mesmo.

Aplausos das entrevistadoras e agradecimento. O nosso corpo aplaudia por dentro e por fora por ter vivido esse momento. E,

quando a agitação e a emoção são muitas, o desejo da partilha se coloca. Partilhamos com você esta breve entrevista, sentida como um ato de amor à Educação.

Professora Flávia entrega um poema da Adélia Prado (1991, p. 116), “Ensino”:

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:
“Coitado, até essa hora no serviço pesado”.
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

“Arrumou suas poucas coisas e foi.
Não nos falou em generosidade. Este gesto ensinado.”

Figura 3 – Leitura de poema pela Professora Flávia.



Fonte: acervo das pesquisadoras.

Entrevista concedida num final de tarde, no dia 19 de outubro de 2023, um dia de primavera, no campus da Universidade de Caxias do Sul (UCS), em Caxias do Sul.

Figura 4 – Final da tarde no campus da Universidade de Caxias do Sul.



Fonte: acervo das pesquisadoras

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião*: 19 livros de poesia. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. v. 1.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em educação. *Investigar em Educação*, Porto, n. 3, p. 13-21, 2015.

NÓVOA, António. *Professores: libertar o futuro*. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.